

## A METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL EM ENSINO E PESQUISAS HISTÓRICAS: ALGUMAS PONDERAÇÕES\*

*Aparecida Maciel da Silva Shikida\**

**Resumo:** A palavra “Conhecimento” tornou-se a chave para todo processo de inclusão histórica, cultural, social e institucional na humanidade e, inseridos nestes novos tempos, vem entretendo os saberes, construções identitárias, compreensões digitais e perspectivas cidadãs. Nesta linha de pensamento, é importante fomentar reflexões sobre o lugar da oralidade na construção do conhecimento científico e a importância da Metodologia de História Oral, que possibilita a reconstrução do saber constituído, recuperado, organizado e democraticamente disseminado na sociedade. Não se refere aqui a um saber estanque ou fragmentado, mas um saber contextualizado, dinâmico e historicamente localizado. Em suma, fala-se de um saber, que se faz conhecimento científico, construído a muitas mãos e que representa a história e memória social de uma comunidade, de um povo, de uma nação, uma vez que quando se reflete sobre a função da oralidade, conclui-se que ela é alicerce de todo processo informacional. Sua universalidade e caráter democrático permitem a inclusão do homem como ser constitutivo de sua história e trajetória. Portanto, esforços e políticas de democratização informacional, precisam ser empreendidos em direção ao seu reconhecimento e disseminação, dessa ferramenta fundamental ao conhecimento do homem em seu universo social.

---

\* Parte do texto aqui expresso compõe a dissertação de mestrado da autora, intitulada Construção Social da Informação em Relatos Oraís, Ano de obtenção: 2005. Orientador: Dra. Maria Aparecida Moura - ECI/ UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil.

\*\* Doutora em Informação, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal de Minas Gerais e Pesquisadora do Programa de História Oral – Centro de Estudos Mineiros: FAFICH /UFMG. Membro da Associação Brasileira de História Oral.

**Palavras-chave:** Metodologia de História Oral, Pesquisa, História-Memória, Oralidade, Constituição social do Conhecimento.

**Abstract:** The word “ knowledge” has become the key to the whole process of including historical, cultural, social and institutional in humanity and inserted into these new times , comes interweaving the knowledge , identity constructions , digital insights and citizen perspectives . Along these lines, it is important to foster reflections on the place of orality in the construction of scientific knowledge and the importance of oral history methodology, which allows the reconstruction of knowledge consists recovered, democratically organized and disseminated in society. Does not refer here to a watertight know or fragmented, but a knowledge contextualized and historically located. In short, it speaks of knowledge , who has scientific knowledge , built by many hands and that is the history and social memory of a community, a people, a nation, since when one reflects on the role of orality, it is concluded that it is the whole foundation of information process. Its universality and democratic character allow the inclusion of man as a constituent of its history and trajectory. Therefore, efforts and policies informational democratization, need to be undertaken towards the recognition and dissemination of that fundamental knowledge of man in his social universe tool.

**Keywords:** Methodology for Oral History Research, History, Memory, Orality, Social Constitution of Knowledge.

## **Introdução**

Na era da informação e conhecimento, as sociedades contemporâneas têm-se defrontado com novos desafios e com a necessidade de “re-significar alguns paradigmas há muito sedimentados. A palavra “Conhecimento” tornou-se a chave para todo processo de inclusão histórica, cultural e social da humanidade e é no universo da cientificidade que o conhecimento que entretece a narrativas orais toma lugar de destaque.

Se é preciso entender o lugar social da oralidade e sua função nos processos de construção e constituição da informação e do conhecimento, também é necessário ter como pressuposto que conhecer as tradições orais e seus desdobramentos na organização e no fazer social é, de fato, compreender, valorizar e evidenciar as experiências humanas. A partir das vivências, reflexões, elaborações, formas de produção de sentido através da palavra, evidenciamos o caminhar da humanidade, que ao longo dos séculos, vem construindo conhecimento e constituindo o homem como sujeito histórico.

Pesquisadores como Edgar Morin, Boaventura Santos, Paulo Freire e tantos outros humanistas de nossos tempos, vêm chamando atenção para a necessidade de trabalharmos melhor com a subjetividade, muitas delas impressas nas narrativas orais. Não obstante, uma das maiores resistências no universo da pesquisa científica perpassa justamente por esta subjetividade. Quando nos referimos à constituição de informações sociais e a construção coletiva do conhecimento, os obstáculos se colocam de forma tal, que os procedimentos, por mais criteriosos que sejam não podem ser considerados científicos, na medida em que são vistos como dimensões subjetivas da pesquisa.

Na verdade, é justamente esse aspecto que torna uma determinada metodologia de pesquisa desafiante e absolutamente original. Principalmente por levar em conta toda complexidade do objeto de investigação. Trabalhos de pesquisa que envolvam critérios científicos simultâneos, ou seja, levantamento bibliográfico, formulação de hipóteses, coleta, análise, reflexão e elaboração de novas teorias, perseguem não só os resultados, mas também o aperfeiçoamento do próprio pesquisador e do campo de conhecimento investigado. Mesmo porque o subjetivo é formado socialmente, culturalmente e a metodologia de pesquisa que favoreça o acesso a essas relações, a ideia de processos e de tempo, está favorecendo a ampliação de horizontes conceituais nas Ciências Sociais.

Para Alberti (2005), a partir da relação dialógica entre os rigores necessários nas ciências e o reconhecimento do subjetivo é possível tomar a subjetividade como um dado objetivo, para entender o trânsito efetivo do indivíduo em seu contexto social, a expressão de sua classe, seus valores, sua forma de ver e estar no mundo. Isto é essencial para a compreensão universo social.

Assim, pode-se voltar para o primordial, ou seja, para a busca do conhecimento nos fazeres de pesquisas, indiferente das demarcações disciplinares, que nos remetam aos processos de constituição, organização, de experiências vividas e compreendidas. Principalmente de produção de sentido entre grupos, comunidades e estratificações sociais.

Nesta linha de pensamento, é importante fomentar reflexões sobre o lugar das ciências, abrangendo esferas do tempo e do espaço, no processo voltado para o saber constituído, recuperado, organizado e democraticamente disseminado na sociedade. E não estamos falando de um saber estanque ou fragmentado, mas um saber contextualizado e historicamente localizado, como pontua Morin (2000, p.43), um “conhecimento, procurando construir-se por referência ao contexto, ao global, ao complexo, e que deva mobilizar o que o conhecedor sabe do mundo”. Acreditamos ser este o maior desafio de todos os campos dos saberes.

É essencial, por essas premissas, que as Ciências Humanas e Sociais e, neste contexto, a Metodologia de História Oral, suas epistemologias e paradigmas, tenham seus olhares voltados para os problemas e valores do homem. Assim, quando buscamos perceber e compreender as contradições existentes entre as pesquisas acadêmicas, produções de saberes e o descompasso social que se instala na esfera mundial, abrem-se novos caminhos para trilharmos na busca de respostas recorrentes para incômodas perguntas, colocadas pelas constantes transformações da sociedade.

### **Tradição oral: narrativas e oralidade**

A história da humanidade e as práticas sociais de um povo sempre estiveram intrinsecamente marcadas e vinculadas à memória. Assim, a oralidade contribui para “documentar” o mundo, suas mensagens, suas experiências de vivências através de narrativas repetidas e mnemonicamente apreendidas. Hoje estudiosos sociais, antropólogos e literatos reconhecem o caráter intelectual das narrativas orais. Estudá-las torna-se importante na apreensão de condutas, costumes e ações de determinados grupos ou de atos individuais isolados, motivados pela memória social.

A reflexão acerca do papel da oralidade no mundo contemporâneo nos conduz à civilização grega. Um universo social onde a palavra é mágica, a cultura difusa, as obras anônimas e as poesias - atividades inspiradas e facilmente memorizadas - pertenciam a todos e eram de autoria coletiva.

Fontes (p.17, 2004) aponta para as narrativas míticas cantadas e contadas em versos – “Ilíada e Odisseia - atribuídas a enigmática figura de Homero. Elas representam para os gregos, não somente o símbolo da unidade cultural como povo, mas igualmente a expressão da sua religião e da sua visão de mundo”. Essas sociedades eram fortemente marcadas por uma paisagem predominantemente oral e esses narradores ocupavam um lugar de prestígio. Eram vistos “como um instrumento de poder que lhes era exterior, mas que dominavam e falavam através deles com a própria voz”.

A dimensão simbólica das tradições orais perpassa o passado, o presente, o futuro e sustenta a estruturação do projeto social, lutando contra a efemeridade do saber e o apagamento da memória. No entanto é preciso ressaltar que todo esse processo depende essencialmente do homem como portador e conhecedor desse saber.

Por sua força, a palavra dita, cantada, recitada se constrói no presente, projetando-se no futuro em pleno movimento de criação, construído palavra por palavra,

justamente por ter como único recurso o “sair da boca de quem fala para o ouvido de quem escuta” (Brandão, 1999).

Os narradores se constituem como sujeitos fazedores da história. Não uma história descolada dos grupos sociais ou acima deles, mas uma história em movimento, que não desconsidera o singular e o plural como parte do todo.

Alves (2005) em seu depoimento nos relata uma de suas experiências com a tradição oral e os danos que o descaso para com a memória pode causar:

Eu coordenei um projeto em uma comunidade remanescente de quilombo. Uma senhora de 90 e tantos anos estava conversando comigo – Fizemos uma oficina de história oral por causa da fala dessa senhora. Ela falou assim:  
\_ Pois é, vocês estão aqui trabalhando com esses meninos nossos aqui... é bom! É bom! Esses meninos não querem saber de nada, não querem mais saber mais da gente, não querem mais saber desse lugar, eles vão embora e a gente fica aqui, para eles não tem importância. Eu falei para ela:  
Em todo lugar isolado, os jovens têm que ir embora para achar outras oportunidades e em todo lugar que eu passo as pessoas falam que os jovens já não querem mais saber da história do lugar.  
\_ Não! A história eles sabem... a história eles tem que aprender.  
\_ Como é aqui?  
\_ A história eles aprendem porque é assim... . Na realidade eles sabem a história, eu é que não sei mais.  
\_ Agora não entendo mais nada, porque toda comunidade que eu vou os mais velhos falam que os jovens não querem mais saber de história, que estão morrendo e a história está morrendo com eles.  
Essa senhora fez o processo inverso e então ela falou:  
\_ Olha, como é que a gente funcionava? Como é que a gente era? Desde lá de trás quando a gente veio para cá... quem veio para cá contava a história uns para os outros para a gente se lembrar o porque é que a gente veio para cá, então a gente tinha que saber o jeito de cada um para saber o que era nossa história e a gente ia contando, e contando, e contando. Vocês vieram aqui e ouviram as histórias da gente e aí vocês fizeram um livro. Nossa história ficou lá escrita no papel. Agora não tem mais história diferente da outra, só tem uma história... Esses meninos aprendem isso lá na escola e a gente se esqueceu da história, a gente não fala mais uns com os outros sobre a nossa história, porque agora está no papel. [silêncio] (...). (Regina Helena Alves, 2005)

Quando se pretende homogeneizar culturas, identidades, formas de como a humanidade se vê dentro do processo histórico, perde-se a riqueza, a multiplicidade e as várias possibilidades de se construir e constituir o saber de um povo. Perde-se o movimento que é essencial para o contínuo fazer do conhecimento. Mesmo porque é a partir das narrativas que a humanidade pôde apropriar-se de infinitas

informações que lhe possibilita responder de maneira diversa às demandas cotidianas, fazendo-se presente e útil dentro do mundo.

Ao se reconhecer o papel dos sujeitos no processo cumulativo de transformação, a mensagem socialmente transmitida ganha status de memória. É a partir da necessidade de perpetuar, de transmitir, de trocar informações que se instala a figura daquele que conta porque existem outros que precisam ouvir. Neste sentido, a responsabilidade para com a memória é primordial no fazer comunitário, pois é um dizer que cria algo novo, mesmo repetindo aquilo que muitas vezes já foi dito. Estas narrativas contam histórias de grupos ou de sujeitos singulares, mas universais.

A sua função tem um forte caráter de engendramentos sociais, onde os homens e suas subjetividades são colocados no centro de toda historicidade tornando-o sujeito criador-criatura de suas práticas sociais.

A oralidade é o principal instrumento de transmissão da memória e da história (...) continua elaborando a preservação histórica do homem (...) é uma fonte de conhecimento muito rica. Não é única, mas é muito privilegiada (Lucília de Almeida Neves Delgado, 2005)

Na contemporaneidade, a sociedade letrada também adota procedimentos que aperfeiçoam, fixam e disseminam informações e as narrativas orais ainda nos possibilitam esclarecer as dimensões subjetivas das experiências humanas, porque somos subjetivos, autores de nossa própria trajetória. Falamos do que vivemos e contamos experiências relevantes da nossa memória, então esse universo é subjetivo. Mas não podemos confundir subjetividade com infidelidade aos fatos. A subjetividade de que se reveste a oralidade não interfere na essência do fato e do ato.

A informação transmitida a partir da narrativa oral influencia a formação moral e intelectual, o conceito de moradia, a escolha profissional, o lazer, os padrões éticos..., sua singularidade leva à construção social, seja ela de dimensões políticas, culturais ou econômicas. Através dela se estabelecem regras que regem o cotidiano - apesar dos contínuos questionamentos - baseados no consenso negociado pela tradição oral, usado para legitimar as instituições e os estatutos legais, sobre os quais se erguem as relações de poder e manutenção de uma estrutura vigente.

A falsa oposição entre passado e presente perde o sentido, a partir da memória e seus mecanismos de permanência. Neste contexto o que é passado? O que é presente? A palavra é o meio pelo qual o homem se manifesta plenamente. É também pela palavra que os conteúdos informacionais impressos nas narrativas ganham movimento e ao mesmo tempo perenidade.

Seus múltiplos significados emergem pela maneira como são usados no cotidiano, nos momentos de negociação, da busca do consenso, da legitimação de regras que venham a governar a vida diária. Estas tradições orais nos permitem enxergar as diferentes visões de mundo, os valores que informam as ações e as tomadas de decisões dos homens.

O estudo da origem da oralidade, do tempo e do espaço nas práticas sociais do homem em suas comunidades e seus reflexos na sociedade como um todo, é amplo e complexo e nos autoriza à reflexão sobre a importância da tradição oral na construção da informação e do saber.

### **A metodologia**

A história é ciência que dá sentido a nossa própria natureza, onde os sujeitos compreendem o sentimento de duração de sua vida e por onde passam as revoluções e mudanças, com a possibilidade de gravarem suas ações para além da própria morte.

Para Halbwachs (1990, p.81-82) a história que quiser tratar dos detalhes, dos fatos, torna-se erudita e a erudição é condição de apenas uma minoria. Quando a ciência se coloca fora ou acima dos grupos sociais, apenas introduz os fatos de forma simples, obedecendo a uma necessidade didática de sistematização. Quer-se mais nessa área de conhecimento, que deve reconhecer os grupos sociais, os processos cumulativos de transformações, ampliando e enriquecendo seu próprio campo da História – Memória.

A história deve ser comprometida com o homem e para o homem e esse campo da ciência tem elementos importantes para contribuir na compreensão da sociedade atual. O seu papel, como ciência do humano, está também nos processos de busca da identidade dos indivíduos nas esferas sociais. Entretanto, é preciso assinalar e reconhecer que a “historiografia tradicional” tendeu – pelo menos por um bom número de séculos – a comprometer-se com o individualismo, com os feitos de “grandes homens”, deixando de lado as vivências e o fazer histórico de todos aqueles que constroem a história de seu tempo. Ao contrário do sujeito socialmente inserido, surgem personagens deificados, solitários em suas lutas, que promovem verdadeiras odisséias sociais.

O registro dessa memória esteve a serviço de uma história patriótica e de grandes eventos. Quem sempre esteve no poder utilizou o passado como fonte de reificação, em que símbolos e pessoas reproduzem e apoiam mártires, vitórias imperiais e valores que refletem o ponto de vista de apenas uma camada social. Thompson

(1998) chega a afirmar que essa historiografia sempre foi comprometida com o minimizar do papel de todas as camadas sociais, enquanto agentes transformadores e históricos. História escrita por quem? Para quem? “As lembranças pessoais ou grupais vão sendo envolvidas por uma outra história, por uma outra memória, sem sentido, transparência ou verdade” (BOSI, 1979, p.17).

É nessa lacuna deixada pela “historiografia tradicional” que observamos um crescimento mundial de pesquisadores e cientistas sociais que propõem resgatar a história e a memória sob diversos ângulos e novos olhares, a partir das fontes orais. É também, neste espaço de trocas sociais - de um lado o pesquisador e de outro lado o narrador e suas infinitas possibilidades de interação - que se constroem os discursos e os argumentos que potencializam a informação.

O recurso da Metodologia de História Oral vem sendo fortemente utilizado desde a década de 60, procurando repensar a história da humanidade a partir das narrativas dos sujeitos Sócios - Políticos e economicamente envolvidos nas trajetórias das construções sociais, lançando assim, um novo olhar para os processos e para as práticas humanas. São possibilidades de releituras e traduções do passado, ampliando conhecimento das estruturas, organizações de conjunturas sociais a partir de análises e elaborações das diversas experiências humanas. Assim, se estabelece um fértil diálogo entre o singular e o plural, tornando a atividade da história um fazer democrático e coletivo.

O uso da evidência oral na construção do conhecimento remonta à própria história da humanidade uma vez que toda história um dia foi uma narrativa, um relato oral. Com o advento da escrita e dos documentos cuidadosamente deixados à posteridade, as evidências orais perderam sua credibilidade, ganhando status de subjetividade. Provavelmente, aqueles que só veem verdades nas fontes escritas, desconsideram o fato de que todo documento é concebido para justificar e defender uma causa ou um ponto de vista. Ingenuidade acreditar que a evidência histórica não está impregnada de intencionalidades. No dizer de Paul Thompson (1998, p.97) seria uma espécie de: “Marketing para o futuro”. Não obstante em pleno século XIX, a transmissão do conhecimento a partir das narrativas orais ainda era usada na França sob a orientação dos mais velhos que traziam em suas vivências o saber prático.

Um dos primeiros historiadores a usar sistematicamente os relatos orais em suas pesquisas foi o francês Jules Michelet<sup>1</sup> quando escreve sobre a revolução france-

---

<sup>1</sup> In: Thompson (1998, p.72).

sa. No prefácio da obra “O Povo”, Michelet nos diz que “os documentos não são apenas papéis, mais sim vidas de homens, de províncias e de nação (...) o documento não é o conhecido, mas o conhecível (...) minha investigação entre documentos vivos ensinou-me muitas coisas que não se encontram em nossas estatísticas”.

Contudo, é apenas na década de 70 - século XX - que a historiografia americana presencia um crescimento significativo do uso de relatos orais nas análises e elaborações teóricas das ciências sociais. Em 1967 é criada a OHR (Oral History Review) nos Estados Unidos e em 1973 na Grã-Bretanha. Desde 1998 a Metodologia de História Oral faz parte do currículo escolar em países como Canadá, França, Itália e Alemanha, abrindo possibilidades para a valorização das experiências humanas e para a construção coletiva de fontes documentais, onde o homem torna-se centro dos estudos históricos e patrimônios sociais.

A história oral é uma reflexão construída em torno dos sujeitos, imprimindo vida dentro das teorias sociais, ampliando o campo de ação, favorecendo a compreensão e a identidade entre classes sociais, grupos diferentes, raças, religiões e entre gerações. Na ótica de Alves (2005) é uma metodologia que reconhece o lugar social de todos os sujeitos.

(...) é constituir o outro enquanto interlocutor e emissor autorizado, alguém que diz algo. Não é a visão simplista de dar voz a quem nunca teve voz. Na realidade é um reconhecimento de estabelecimento... Para todas as pessoas entenderem que todos... jovens, velhos..., têm direito à voz, tem direito de se constituir enquanto interlocutores (...). Para olhar a sociedade você tem que pensar em “nós”. Gosto de pensar em “nós”, porque o “nós” faz a gente olhar para o outro de maneira diferente. Então é reconhecer o lugar da fala do outro, e reconhecer a forma de fala do outro, reconhecer e respeitar o jeito como os outros se colocam na cena pública. (Regina Helena Alves, 2005)

Busca-se então reconhecer que as narrativas transmitem significados e elementos fundamentais das experiências sociais. Cultura, trabalho, família, política, divisões de classe, relações de poder são temas que ganham novos contornos quando argumentamos e dialogamos a partir de contextos sociais e vidas vividas.

A sua utilização vem se constituindo como importante ferramenta na busca do conhecimento em estudos mais recentes que não são possíveis de serem analisados de forma satisfatória por meio de registros escritos. A proposta é de captar aquilo que não está explícito, que ainda não foi notado. De valorizar o cotidiano, aproximar diferentes vivências humanas partindo do pressuposto de que a linguagem é um meio de interação entre os sujeitos e de vários campos de saberes.

Seria reescrever a história a partir dos relatos vindos de “indivíduos” acerca de um mesmo momento, contudo falando de lugares diferentes, levantando questões que abrangem a coletividade.

Assim, é importante registrar a necessidade de comunicar para saber, a necessidade de interagir, socializar, compreender-se mutuamente em um momento marcado por uma verdadeira gama informacional. Esse processo leva a uma “mistura de saberes” e os objetivos da história sempre serão renovados. A partir da garantia desses espaços de troca, interação e comunicação é que alcançamos a consciência de que através dos processos coletivos, favoreceremos tanto a construção social do conhecimento como a sua constituição democrática e acessível ao mundo.

Os movimentos comunicacionais nascem da necessidade de sobrevivência como sujeitos socialmente constituídos no universo da historicidade humana. Necessidade essa de apreender e repassar suas práticas sociais que garantam a inserção e a perpetuação das gerações futuras. É neste conjunto de valorização da experiência humana na construção e nas transformações sociais que a história que a Metodologia de História Ora se faz presente, procurando dar sentido aos fazeres e às formas de comunicação do homem e sua importância na estruturação social.

A proposta metodológica não se limita a um estudo do passado, mas estabelece pontes de análises e reflexões com o presente. Os temas de pesquisas, as demandas e questões nascem do presente que encontra na metodologia abrigo epistemológico.

A proposta é valorizar o cotidiano, aproximar diferentes vivências humanas partindo do pressuposto de que a linguagem é um meio de interação entre os sujeitos e de vários campos de saberes. É reescrever a história a partir dos relatos vindos de “indivíduos comuns” acerca de um mesmo momento, contudo falando de lugares diferentes, levantando questões que abrangem a coletividade. Embora a denominação de metodologia qualitativa de História Oral remeta ao campo da história, sua inserção acaba por extrapolar as linhas tênues das ciências humanas e sociais.

É uma metodologia de pesquisa que não tem dono. Não é da história, não é da antropologia, ela pode ser adotada e empregada nas mais diferentes disciplinas do conhecimento humano [...]. É interdisciplinar por excelência porque se aplica a diferentes campos do conhecimento (ALBERTI, 2005, informação verbal).

Também é preciso considerar que o indivíduo, mesmo em sua singularidade, é excedido por infinitas influências que se cruzam. Sua presença no mundo se justifica em suas ações e discursos que são reconhecidos a partir do lugar social de

onde se fala. Compreender a diversidade, a subjetividade e as diferenças entre os homens equivale a reconhecer sua legitimidade na historicidade humana. A metodologia de História Oral como prática de pesquisa é absolutamente original, por levar em conta a história social e seu movimento traduzido pelas narrativas orais, evidenciando não apenas a fala de alguém, mas o lugar do discurso e o momento.

A metodologia de História Oral também é conhecida como o método dos relatos orais, métodos biográficos, metodologia dos relatos orais, dentre outros. Contudo, o importante a ser assinalado é que o oral não é história e sim o documento, a fonte que se obtém. Dentro dessa perspectiva, esse recurso pode ser utilizado como método, técnica ou fonte, não se furtando dos processos analíticos primordiais no processo de construção do conhecimento. Gravadores, fitas, transcrições, memoriais são simples instrumentos, o seu uso por si só como fim é meramente técnico e não uma metodologia sólida.

#### **A história oral e disseminação do conhecimento**

Em um círculo contínuo e atemporal, as sociedades não se situam apenas como portadoras de uma história política, econômica ou cultural, muito menos estão presas a elas por laços indelévels. Ao contrário, as sociedades são formadas por homens que se querem fazedores de sua história, que lutam pela preservação de seu patrimônio social, ou seja, a memória, que é gravada nos fazeres cotidianos e que tem a história como sua mediadora no diálogo entre passado, presente e futuro. Silva (2005) afirma: “Eu como uma historiadora e uma historiadora que cada vez mais pensa no patrimônio... tenho entendido cada vez mais que o patrimônio é aquilo que está com as pessoas”.

Assim, quando se enfatiza a história-memória de um sujeito ou de seu grupo – e o uso que se faz dela –, estabelecem-se possibilidades de análises para os movimentos históricos e suas relações com os processos de produção das identidades coletivas. É nesse contexto que a memória pode exercer sua função de excelência, ou seja, ponte não só entre o passado, presente e futuro, mas elo que favorece, fortalece e transforma os laços efetivos e afetivos entre os sujeitos e suas múltiplas coletividades. Múltiplas porque somos compostos de vários matizes, atuando em vários espaços.

Somos sujeitos construídos e constituídos por “diversas multidões” e é preciso nos fazer singulares e ao mesmo tempo universais em um mundo que se quer globalizado, com a pretensão de homogeneizar as culturas identitárias, onde a comunicação e a troca de saberes com intenso fluxo vêm dando novos contornos sociais à hu-

manidade. Somos um, somos muitos. Esta riqueza peculiar a cada sujeito historicamente constituído se faz junto a uma coletividade que, segundo Halbwachs (1990), firma-se em contato com o outro, mais especificamente em contato com as comunidades de convívio e com suas tradições.

Cada um de nós interage com diversas formas de pensamentos sociais e estamos ao mesmo tempo em vários grupos coletivos. À memória é resguardado o lugar do lembrar, construir, desconstruir e compor. Trabalho de elaboração, reflexão, localização. Lembrar não é reviver, é antes de tudo, refazer caminhos e trajetórias. É organizar e ordenar o tempo, bem como situar o passado em uma cronologia que lhe é única.

FEBVRE (in: LE GOFF, 1996) pontua que tudo o que pertence, depende, exprime e serve ao homem, deveria ser objeto de estudos científicos e acadêmicos. Seria valorizar as dimensões humanas, as suas interações e no final, representar a história e suas marcas. Uma vez que das narrativas orais não se pode tirar o mérito do experimentado e compreendido - quem narra diz algo que faz sentido - a formação dessas redes de saberes e seu espaço de “dizeres” traz inúmeras possibilidades. Isto implica em preservar passados, resgatar a memória de diferenças, estabelecendo novos sentidos de tempo e espaço em função do tempo presente, garantindo sua integridade, sem modificações ou reificações.

A busca pelo sentimento de pertencimento a alguém, a alguma coisa, a um lugar é também a busca por uma consciência do passado. Consciência essa vital a toda a humanidade. Conhecer a própria história faz de nós sujeitos “Criadores e criaturas” de nosso espaço social. Ter consciência de que a trajetória de um indivíduo não enaltece ou desqualifica a história do outro é perceber nossos vínculos com o outro e com o espaço social. Promover a possibilidade dessa consciência também é papel do pesquisador e das pesquisas históricas.

### **A construção social do conhecimento: algumas pontuações finais**

Construímos cidades, desenvolvemos tecnologias, aperfeiçoamos formas comunitárias de vivências e sobrevivência, buscamos cada vez mais o conhecimento. Os processos de construção e constituição do desenvolvimento humano aspiram um saber que favoreça a inclusão e a interação de todos nas possibilidades que o conhecimento possa proporcionar. Não obstante, a maioria dos estudiosos sociais é unânime em afirmar que em um período marcado por fluxos informacionais intensos, a sociedade mostra-se com formas cada vez mais excludentes, menos democráticas, e o conhecimento apresenta-se cada vez mais “estocado” e acessível a poucos.

É neste contexto que trazemos à tona a discussão a respeito da construção do conhecimento a partir do fluxo informacional que os depoimentos em histórias de vida, narrativas de relatos orais ou temáticos podem favorecer, bem como a proposta democrática e inclusiva na construção social do conhecimento dessas formas de saberes. As narrativas são permeadas de informações e a oralidade é uma das possibilidades mais democráticas na troca e no desenvolvimento do conhecimento, guardando para os indivíduos e grupos sociais aquilo que é vital à existência humana: a identidade. Aquilo que somos, aquilo em que acreditamos, podendo ampliar-se em ações políticas, sociais e econômicas organizadas, estruturar-se em sindicatos, governos, partidos políticos e associações de classe, mas em sua essência nasce do encontro entre indivíduos e num movimento de ação e reflexão retorna a ele provocando ou não mudanças no saber desenvolvido.

Neste ideário, podemos compreender o papel da oralidade no processo de constituição social da informação, sua socialização e a adoção do conhecimento bem como sua democratização. Para Le Ven (2004) a própria história da oralidade nos leva a compreender a relevância do silêncio, do trabalho, da vida, enfim do próprio movimento da humanidade.

O conhecimento deve servir para mover a sociedade e não apenas para aumentar e reforçar os abismos e as distâncias sociais entre os homens. Nesse sentido a informação é a essência de todos os processos, embora não seja a garantia de nenhuma construção humana. A *Internet* é um bom exemplo, pois é um grande banco de dados informacionais que possibilita e favorece o conhecimento, mas não o garante. Assim também se faz nos acervos que acolhem, tratam e produzem conhecimento a partir dos relatos orais. O simples fato de se ter um número expressivo de relatos orais não garante absolutamente a construção e a constituição do saber, este é o papel do pesquisador, uma vez que nenhum dado fala por si. É preciso à laboração acadêmica e científica, é preciso o fazer histórico na construção social do conhecimento, que está longe de ser apenas a descrição de fatos. Nos argumentos de Pereira (2005)

Jamais podemos nos esconder atrás os discursos de nossos entrevistados. Jamais podemos confundir o fato com a interpretação. Nós aqui fazemos história nesse sentido. Cada indivíduo faz sua história, agora, outra coisa é construir a história enquanto conhecimento. Isso é tarefa do pesquisador, jamais podemos nos eximir desse papel. (Lígia Maria Leite Pereira, 2005)

Na metodologia de história oral a construção do documento se dá de forma socializada, é um evento compartilhado entre sujeitos anônimos até chegar ao depoimento propriamente dito. Este não é apenas o desafio, mas também a riqueza que a própria metodologia traz, ou seja, favorece a participação de múltiplos sujeitos

sem impelir a coação de qualquer natureza na narrativa de seu cotidiano. É a partir dessas narrativas que os oralistas propõem traçar uma nova composição histórica, não desconsiderando os processos comunicacionais impregnados de informações que possibilitam efetivamente a construção coletiva do conhecimento.

Novas possibilidades se apresentam ao mudar-se a direção das análises históricas para o cotidiano e não para os fatos em si, observando que as trajetórias sociais não são um alinhavar de heróis e seus grandes feitos e sim um processo de construção contínuo, feito a partir do comprometimento dos “sujeitos comuns” que por muitas vezes mudaram o rumo dos acontecimentos - mesmo sem o saber ou querer. Tornar evidente e socializar essas narrativas é também tornar viva e dinâmica a identidade de um povo.

Socializar a informação, democratizar o conhecimento sem desqualificá-lo ou descontextualizá-lo é um grande desafio da academia na área do saber e deveria pautar-se pelo entendimento dos vínculos existentes entre informação, sociedade e universidade. Essa relação dialógica é condição “*sine qua non*” para enxergar os sujeitos dessa sociedade como promotores e produtores do conhecimento social.

Vivemos um momento em que cresce a importância de recuperar e fazer valer na formação de nossa sociedade conceitos como ética e valorização do bem comum, respeito ao bem público e ao meio ambiente, para a construção da cidadania e identidade. A utilização da Metodologia de História Oral requer um projeto, dentro dos parâmetros científicos, com seus critérios e aportes teóricos. No espaço de significações, fica manifesto a preocupação em estabelecer o lugar da Metodologia Qualitativa de História Oral, não como fazer terapêutico e de cura, mas sim, como procedimentos de pesquisa que favoreçam a investigação de objetos sociais. Objetos que se fazem sujeitos em seus universos de trabalho, saúde, educação e todas as implicações que a vida humana trás em si.

### Referências

ALBERTI, Verena. *Depoimento*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral da UFMG.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança não mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahat, 2003.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Jacinto Lins. História Oral e memória no mundo grego. *Encontro Nacional de História Oral*, 5, 1999. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ABHO/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UFMG, 1999. Mimeografado.

BREEN, Marcus. Informação não é conhecimento: teorizando a economia política da virtualidade. *Journal of Computer Mediated Communication*, v.3, n.1, p.1-16, dez. 1997.

CRUVIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In:

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Depoimento*. Belo Horizonte: FAFICH/ UFMG, 2005. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral / Centro de Estudos Mineiros da UFMG.

ENRIQUES, Eugène. Indivíduo, criação e história. In: \_\_\_\_\_. *Connexions: perspectives psychanalytiques sur les conduites sociales*. Paris, n.44, p.141-158, 1984. Mimeografado.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Uso e abuso da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FONTES, Carlos. *Universo Sonoro. A Escrita Alfabética. Os Desvios da Tradição. Emergências Históricas da Filosofia*. Disponível em: <<http://afilosofia.no.sapo.pt/emergcia.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. *Enciclopédia Einaud*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984a. p.11-50.

LE VEN, Michel Marie. *Depoimento*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2004. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/Centro de Estudos Mineiros da UFMG.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes necessários para Educação*. São Paulo: Cortez, 2000.

PEREIRA, Ligia Maria Leite. “História Oral: Desafios e potencial na produção do conhecimento histórico” In: *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*, Escola de Educação Física da UFMG, Belo Horizonte, 22 a 26 de outubro de 1996.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. *Depoimento*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2005. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/Centro de Estudos Mineiros da UFMG.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos Oraís: do indizível ao dizível: In: SINSON, Olga de Moraes Von (org). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988. p.14-48

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. *Informação, História e Memória: Constituição social da informação em relatos orais*. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ouvir, sentir e contar: Histórias de Minha história*. Congresso Internacional de História Oral e Educação. Buenos Aires, Argentina, 2007.

SILVA, Regina Helena Alves da. *Depoimento*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2005. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/Centro de Estudos Mineiros da UFMG.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.